

A raça, o Outro e as fronteiras do pertencimento *Race, the other and the boundaries of belonging*

Andréa Franco Lima e Silva¹

MORRISON, Tony. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. Tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 147 p.

Em 2016, a convite da Universidade de Harvard, Tony Morrison apresentou uma série de palestras sobre as relações entre raça, racismo, literatura, construções de imagem e alteridade que deram origem, no ano seguinte, ao livro *The origin of others*. Em 2019, *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura* foi publicado no Brasil pela editora Companhia das Letras, com tradução de Fernanda Abreu.

O livro é prefaciado por Ta-Nehisi Coates e reúne seis ensaios organizados em capítulos relativamente curtos, porém densos, nos quais Morrison se vale da literatura, das experiências pessoais, de documentos históricos e do diálogo com a teoria social para compreender como se dá o processo a que chama de *outremização*, essa criação do outro no bojo de uma relação de poder e opressão que conferiu ao negro marcas tão profundas a ponto de ser-lhe recusada a humanidade. Morrison investiga a constituição dessa alteridade e seus mecanismos históricos, sociais, ideológicos, ou seja, como e por quais processos o *ser outro* se constitui e se concretiza.

Quando fala da constituição do outro, Morrison nos convida a pensar sobre as relações estabelecidas entre identidade, estrangeirismo e pertencimento, mas sem perder de vista o contexto social e histórico em que essas relações foram produzidas e são reproduzidas. A autora pensa a criação da raça em diversas camadas: como ideologia, como mecanismo de separação - a construção de um muro, na metáfora de Coates (2019) - e na forma daquele que Mbembe (2018) chamará de "sujeito racial": o negro. Assim, a raça e os sujeitos raciais são criações que sustentam e mediam a escravidão e a colônia, fundamentos do mundo moderno. Como bem afirma Coates (2015), a raça é fruto do racismo, e não o contrário.

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Email: andreafls@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. <https://orcid.org/0000-0001-6226-793X>

A raça é, assim, conceito móvel que constantemente se reproduz nas estruturas e relações sociais, com impactos drásticos sobre a vida das pessoas. É pela ideia de raça que se "inventa" não apenas o Outro oprimido, mas aquele que está no polo oposto dessa relação: "o conceito-chave, defende ela, é a necessidade de confirmar a própria humanidade ao cometer atos desumanos" (Coates, 2019, p. 13).

A ideia de raça necessita de um corpo no qual possa se materializar. Assim, a construção do sujeito racial passa pelo corpo, pela pele, e não é coincidência que primeira experiência de outremização que aparece no livro é pessoal, um relato íntimo da própria autora que coloca o seu corpo em evidência, quando resgata a memória da primeira visita de sua bisavó que, quando vai até a sua casa conhecer a ela e a sua irmã, tendo-as encontrado brincando no chão da sala, sentencia: "essas crianças foram adulteradas" (MORRISON, 2019, p. 22). Sua decepção com as netas era por essas não serem tão escuras quanto ela.

Como afirma Mbembe (2018, p 81), o negro nos coloca o problema do estatuto das aparências e sua correspondência com a realidade, é "uma espécie de invólucro exterior cuja função foi, desde então, substituir o seu ser, a sua vida, o seu trabalho e a sua linguagem". E as consequências dessa seleção do corpo negro, com todas as suas nuances e consequências, são trazidas à tona pela autora, desde os mecanismos de *coisificação* do negro, durante a escravidão, em que o sujeito vira peça da máquina colonial, até os dias atuais em que a objetificação do negro se repete na literatura ou na violência policial. Vale ressaltar, aliás, que Morrison faz questão de destacar a condição de sujeito das vítimas dos linchamentos e da violência policial nomeando algumas delas no quarto capítulo (As configurações da negritude), dedicado a esse tema.

São esses os pressupostos a partir dos quais Morrison desenvolve sua visão sobre as relações humanas tanto na sua literatura, quanto em sua análise do mundo social, tendo como plano de fundo especialmente a sociedade norte-americana, o que não exclui o alcance de seu trabalho para a compreensão das demais sociedades que passaram pelo processo de colonização. Tal qual a *outsider within* definida por Collins (2016), as especificidades de suas vivências como mulher negra refletem no seu olhar único sobre esses temas.

O Outro objeto

Os processos de outremização que levam à desumanização e à completa objetificação do negro são examinados por Morrison em seus múltiplos aspectos e possibilidades. A desumanização máxima do sujeito escravizado aparece nos relatos de Thomas Thisewood, um senhor de engenho de cana-de-açúcar, na Jamaica, em meados do século XVIII.

Thisewood matinha diários em que relatava cuidadosamente os acontecimentos do dia. O fazia como quem redige um relatório, um inventário de fatos em sucessão, sem maior reflexão ou juízo sobre eles. Eram encontros com outras pessoas, anotações sobre a plantação, notícias sobre o tempo e... estupros. Que à época, certamente, não levaria esse nome, mas seria reconhecido como *droit du seigneur*, um direito do dono. Dentre os afazeres cotidianos, entre a banalidade de uma negociação e a precificação de produtos, estavam as suas atividades sexuais do dia: "ele anotava o horário do encontro, o grau de satisfação obtido, a frequência do ato e, sobretudo, onde este ocorria" (MORRISON, 2019, p. 30). É justamente essa ausência de julgamento sobre uma ordem do mundo e de seus próprios atos, percebe Morrison, que permite a reestruturação de relações de dominação racista.

O discurso médico, outro mecanismo de outremização e controle racista, também é analisado por Morrison. No *Report on the diseases and physical peculiarities of the negro race*², de 1851, os negros são tidos como incapazes de se "desenvolver" sozinhos, sendo necessária a intervenção do homem branco para que possam receber cultura moral e usufruir os benefícios da instrução religiosa. Se não trabalham, sua capacidade pulmonar diminui, afirma o relatório. E as fugas dos escravos se dariam em razão de uma doença, a "drapetomania". Um dos objetivos do racismo científico, afirma Morrison (2019, p. 27) "é identificar um forasteiro de modo a definir a si mesmo". Os relatos médicos e aqueles sobre a escravidão também revelam a condição do escravizador, do colonizador, aquele que se animaliza para enxergar no outro um animal, transformando-o em estrangeiro para confirmar a si mesmo como normal, atendendo à necessidade de normalidade em meio à violência do empreendimento colonial ou das relações sempre atualizadas de opressão.

A literatura também tem papel fundamental nesse processo. Ela fornece imagens que podem reproduzir, apaziguar ou embaçar relações e estruturas. Ela, como a prática, nos ensina o agir racista que não passa necessariamente pela consciência e reflexão. No período da escravidão foi muito utilizada para romancear sua opressão e violência, e contribuiu para a criação da figura do negro dócil, submisso, bem como do senhor benevolente. Um dos grandes marcos literários do século XIX nesse sentido é *A Cabana do Pai Tomás* (1852), de Harriet Beecher Stowe.

O problema da "única gota" ou da miscigenação e a relação entre personalidade, sexualidade e cor também chamam a atenção de Morrison por aparecerem muito na literatura como preocupação central. Muitas vezes o drama familiar é posto a partir das relações

2 Relatórios sobre as doenças e peculiaridades físicas da raça negra

sexuais-afetivas entre as raças, "é o aspecto mútuo desses encontros que é retratado como chocante ilegal e repugnante", afirma a autora (MORRISON, 2019, p. 67). Como exemplos destaca *O som e a fúria* (1929), de William Faulkner, *Ter e Não ter* (1937) e *O jardim do Éden* (1986), por Ernest Hemingway. O colorismo, para Morrison, é um cómodo atalho narrativo. Ela chama isso de fetiche da cor, que para ela tem uma força profundamente destruidora.

Mas a literatura também tem o potencial de revelação e questionamento, e ela aparece com frequência e destaque nesse livro pois é a linguagem eleita por Morrison e é através dela que a autora dá voz às suas experiências e às suas reflexões. A opção de Morrison é por tratar a negritude não através da sinalização de uma cor, mas de um histórico, um contexto, relações, culturas e comportamentos. Não raro a cor de seus personagens é deliberadamente omitida, como em *Paraíso* (1998) e *Voltar para casa* (2016), escolha que já rendeu à autora elogios, mas também muitas críticas. Em *Paraíso*, Morrison pensa uma comunidade totalmente organizada a partir da ideia de raça, contudo, os forasteiros ali são as pessoas brancas e as mestiças, o que inverte não exatamente a lógica produzida pelas sociedades estruturadas pelas relações racistas, mas força a um olhar crítico, por meio da literatura, justamente sobre essa ordem.

Imagem, controle e semelhança

Morrison aponta o poder da relação entre linguagem, imagem e experiência, tanto na sua potencialidade e instrumentalidade no sustento das relações de controle, quanto na possibilidade de diálogo e aproximação. Os estereótipos e o *estrangeirismo* que deles deriva são temas recorrentes nas análises e reflexões do pensamento negro em geral e, especialmente, do pensamento feminista negro³.

Segundo Collins (2019), as imagens manipulam as percepções sobre a condição do outro, tanto pela exploração de símbolos já existentes quanto pela criação de novos símbolos e significados. Podem ser um véu, um disfarce ou uma mistificação de relações sociais objetivas. Tais "imagens de controle" servem à normalização de relações de poder e desigualdade, e também transformam o sujeito naquele que não pertence, a estrangeira, o *outsider*:

como os "outros" da sociedade, aqueles que nunca poderão ser parte dela, os estranhos ameaçam a ordem moral e social. Ao mesmo tempo, são fundamentais para a sua sobrevivência, porque os indivíduos que estão na

3 Nesse sentido, podemos destacar como exemplos os vários trabalhos de Patrícia Hill Collins, Audre Lorde, bell hooks, Lélia González e Beatriz Nascimento.

sua margem são os que explicitam os limites da sociedade (COLLINS, 2019, p. 136).

Morrison dá um passo adiante nessa perspectiva pensando em como podemos, pela relação entre imagem e linguagem, construir experiências de aproximação, seja com o semelhante ou não. Ela se vale, mais uma vez da própria vivência para pensar essas possibilidades.

Caminhando pelo quintal de sua casa recém-comprada, na beira de um rio, Morrison encontra uma mulher pescando no terreno vizinho, sentada em uma mureta.

A mulher é negra e se veste de maneira simples: chapéu e sapatos masculinos e um suéter gasto por cima de um vestido preto, longo. A mulher não mora ali, Morrison descobre na conversa, mas num vilarejo próximo e tem permissão da dona da casa para pescar no local, o que diz fazer com certa frequência. O diálogo entre Morrison e ela é rápido, mas basta para a criação de uma imagem: "É espirituosa, e cheia daquela sabedoria cujos segredos as mulheres mais velhas parecem sempre deter. (...) Imagino uma amizade casual, descomplicada, deliciosa" (MORRISON, 2019, p. 57).

Depois de muitos meses sem rever a mulher - que nunca mais apareceu, Morrison descobre que ela mentiu ao dizer que sempre pescava ali, já que a vizinha jamais vira tal personagem. Morrison entende que a camaradagem e a mentira daquela mulher como necessidade de se proteger.

O que a autora expõe com esse episódio é a ambiguidade da linguagem, imagem e experiência na relação com o outro. Elas podem ser fonte de aproximação. Criar pontes e o encontro de significados. Mas também podem provocar o afastamento e exercer controle. Ela se apropria da mulher à partir da imagem que faz dela: "imaginei-a como minha xamã pessoal" (MORRISON, 2019, p. 62).

A imagem que fazemos do outro é também um reflexo de nós mesmos, seja de um aspecto que nos desagrada, seja de algo que nos falta. Não existem estrangeiros, diz Morrison, mas versões de nós mesmos com as quais temos que lidar no contato com o outro. E isso pode nos provocar tanto emoções profundas de aproximação ou de repulsa.

O devir humano

No último capítulo a autora olha para as possibilidades de superação das opressões em um novo devir de um mundo globalizado que desafia fronteiras e nos obriga a refletir sobre os processos de outremização, mas ao mesmo tempo em que se intensificam os preconceitos e a xenofobia: "o espetáculo da movimentação das massas inevitavelmente atrai a atenção para as

fronteiras, os pontos vulneráveis em que o conceito de lar é visto como ameaçado pela existência do estrangeiro" (MORRISON, 2019, p. 123).

A globalização do século XXI, afirma, está distante do sentido de construção de um mundo comum, ou da união de nações, mas é muito mais orientada pela livre circulação de capital, informações, produtos e demandas corporativas multinacionais. Por outro lado, temos um número crescente de refugiados frutos das guerras e das desigualdades sustentadas por essas mesmas relações neoliberais. A ambiguidade do processo está nesse movimento: quanto mais globaliza-se o mundo, mas somos estrangeiros dentro dele.

A África, nesse sentido, aparece para Morrison como uma alegoria desse processo. Ela é ainda o grande estrangeiro, continente vazio preenchido pela imaginação ocidental. Ela é ameaça, devassidão e incompreensibilidade. É o berço do Outro. Reestabelecer o negro como o sujeito humano que é, em novas relações de respeito, reconhecimento e solidariedade significa, necessariamente, retirar a África desse lugar de eterna exploração e "mistério".

Acredito que Morrison se aproxima muito de Mbembe (2018) quando diz que superar a outremização é superar a modernidade e os seus significados do ser negro, construindo novas possibilidades de ser humano no mundo. Nesse sentido, a obra de Morrison se aproxima com muita beleza das teorias mais contemporâneas do pensamento negro que buscam novos sentidos para a humanidade.

Referências

COATES, Ta-Nehisi. **Entre o mundo e eu**. Tradução de Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

_____. Prefácio. In: MORRISON, Tony. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. Tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 7-19.

COLLINS, Patricia H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v 31, n 1, p 99-127, Jan/Abr. 2016.

_____. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. 2 ed. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n1-edições, 2018.